



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | II Simpósio Educação, Formação e Trabalho

NARRATIVAS: ESCOLARIZAÇÃO, PRÁTICAS E SABERES DOCENTES.

Lília Pereira Soares¹
Marilene do Carmo Silva²
Regina Magna Bonifácio de Araújo³

Resumo: Esta comunicação traz histórias de vida de quatro professoras que vivem a profissão docente em uma região do noroeste de Minas Gerais. Teoricamente amparamos a abordagem metodológica utilizada, as entrevistas narrativas, em estudiosos e pesquisadores da área. Apresentamos o contexto em que as histórias foram narradas com o objetivo de situar o leitor acerca do espaço geográfico e social de onde falam as professoras, e por fim, apresentamos a análise das entrevistas narrativas. As histórias narradas nos levaram a momentos históricos dos acontecimentos, mas, também, revelaram às narradoras novas memórias construídas ao longo das suas trajetórias formativas, e que ao lembrarem e refletirem sobre a suas vivências, novas experiências de formação surgiram. Ao contar suas trajetórias, essas professoras (re)significaram suas experiências e seus olhares para o ato docente e para a própria formação.

Palavras-Chaves: Entrevista Narrativa; Memórias; Profissão Docente.

Para iniciar

Este trabalho é resultado dos estudos realizados na disciplina, “*Narrativas docentes - aspectos metodológicos e formativos*”, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Ouro Preto, no ano de 2018. Trata-se de uma reflexão acerca da metodologia empregada, as entrevistas narrativas, no âmbito da história de vida e de formação de professores, por meio de memórias e experiências no percurso docente. Este texto traz histórias de vida em um percurso temporal narrativo de quatro professoras.

Inicialmente abordaremos os conceitos e especificações da metodologia utilizada, as entrevistas

¹ Mestranda em Educação – PPGE – Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP, graduada em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa.

E-mail: liliapereirasoes@hotmail.com

² Mestranda em Educação – PPGE – Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP, graduada em Pedagogia pela mesma Instituição.

E-mail: lenemary1990@hotmail.com

³ Professora Associada do Depto. de Educação - ICHS/UFOP/ Pesquisadora e Coordenadora do PPGE – Mestrado/Doutorado em Educação. E-mail: regina.araujo@ichs.ufop.br

narrativas, com o objetivo de apresentar ao leitor os aspectos teóricos narrativos e como os dados foram coletados. No segundo momento, apresentaremos o lugar de onde falam as professoras, onde as histórias foram narradas, finalizando com a análise das narrativas.

As análises se agrupam em duas categorias; trajetórias de escolarização e formação docente e o cotidiano escolar. Seguindo os pressupostos de Galvão (2005), esse trabalho apresenta as potencialidades das entrevistas narrativas em “processos de investigação em educação” (GALVÃO 2005, p. 327).

As Narrativas como Metodologia

Muitos autores como (LOPES DE OLIVEIRA, 2012; TEIXEIRA E PÁDUA, 2006; JOSSO, 2004; GALVÃO 2005; SOUZA, 2004), consideram as entrevistas narrativas como um importante recurso para análise de experiências de pessoas de um determinado contexto social, especialmente na área de formação e de desenvolvimento profissional de professores.

As entrevistas narrativas permitem a aproximação da realidade vivida, dos significados e da experiência ao longo do exercício do magistério. Teixeira e Pádua (2006) consideram que as entrevistas narrativas são capazes de suscitar ao narrador a atribuição de significados às suas experiências, ao acessarem as recordações na memória, produzindo imagens de si mesmo, criando interpretações novas dos acontecimentos temporais. Segundo Galvão (2005) a narrativa na forma oral ou escrita, pode compor um método rico de investigação. Este aspecto também é comentado por Teixeira e Pádua (2006) ao relatarem que as entrevistas narrativas vêm se destacando nas pesquisas qualitativas, trazendo experiências subjetivas por meio de histórias orais, assim “as pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos. Às vezes, torna-se até difícil separar o vivido do que está por viver” (CUNHA 1997, p. 188). Souza (2004) esclarece que o narrador ao contar sua história de vida, entra em um processo de reconhecimento da sua própria vida, e destaca que “a arte de narrar inscreve-se na subjetividade e implica-se com as dimensões espaço-temporal dos sujeitos quando narram suas experiências” (SOUZA, 2004, p. 162), ou seja, no ato de narrar, as lembranças do narrador se deslocam e se organizam em marcos temporais singulares e subjetivos. Souza (2004) ainda assinala que o sujeito passa a ter um conhecimento sobre si e sobre os outros ao trazer à memória a sua trajetória de vida. Ao fazer

esse mergulho interior, o professor vai refletir acerca da sua escolarização, suas práticas e experiências, com isto, novas descobertas de si e do outro vão surgindo.

Trabalhar com as entrevistas narrativas permite-nos conhecer os sentidos das experiências vividas num dado contexto social e histórico, possibilitando o estudo de fenômenos sociais com mais profundidade, por meio da rememoração dessas experiências e histórias (auto) biográficas constituídas pelo narrador. É nesse contexto que Lopes de Oliveira (2012) explicita que as narrativas abarcam uma amplitude de objetos de pesquisa, e afirma que, “narrar é atividade simultaneamente social, interpessoal e pessoal, o que justifica o recurso a distintas orientações epistemológicas” (LOPES DE OLIVEIRA, 2012, p. 369).

Compreendemos que a profissionalização docente não se faz em um determinado momento, mas ao longo de um contexto histórico de formação que leva o professor (a) a viver uma amplitude de experiências, é nesse sentido, que as narrativas (auto) biográficas tornam-se um importante recurso formativo, dessa forma, “as nossas propostas teóricas só fazem sentido se forem construídas dentro da profissão [...] se forem apropriadas a partir de uma reflexão dos professores sobre o seu próprio trabalho” (NÓVOA, 2011, p. 20), uma vez que, “ao mesmo tempo em que a realidade informa a teoria, esta por sua vez, a antecede e permite percebê-la, reformulá-la, dar conta dela, num processo sem fim de distanciamento e aproximação” (MINAYO, 1994, p. 92). Assim, “as narrativas e a escrita, enquanto momentos de reflexão sobre a experiência e de registro das práticas, são elementos centrais da formação de professores” Nóvoa (2011, p. 69). É nessa direção, que ao empreender uma pesquisa com entrevistas narrativas de professores (as) sobre suas vidas imbricadas nas trajetórias de formação docente e o cotidiano escolar, para além da busca da reflexão sobre suas experiências e práticas pedagógicas, é possível compreender como o sujeito se faz professor (a), onde cada experiência é única.

É importante considerar as experiências de professores durante a profissionalização, como fonte teórica e como reflexão da própria prática, além de ser um eixo norteador para o desenvolvimento de políticas públicas para formação de professores,

Especificações do Método com Entrevistas Narrativas

Neste trabalho, utilizamos uma investigação de abordagem qualitativa, utilizando as entrevistas narrativas como instrumento de coleta de dados. Este tipo de entrevista não requer questões elaboradas, mas uma questão inicial ou questão geradora, que provoque inicialmente uma história longa. A técnica utilizada para as entrevistas narrativas seguiu os pressupostos de Flick (2004), ao estabelecer uma sequência lógica para aplicação das entrevistas narrativas. Para esse autor a entrevista narrativa segue elementos caracterizados em três estágios. No primeiro é criada uma questão geradora que trata do tema de estudo, que irá compor a primeira narrativa, chamada de narrativa principal. Nesse momento quando o pesquisador apresenta a questão para o entrevistado, espera-se que o participante da pesquisa inicie a narrativa, que não deverá ser interrompido pelo pesquisador até que a finalize.

Nesse trabalho, elaborou-se a seguinte questão geradora: *‘Eu gostaria que você me contasse como foi a sua história de vida no percurso de toda a sua trajetória escolar e de formação como professora, começando do início da sua escolarização, e como se interessou pela docência. Gostaria também de conhecer alguns detalhes, os momentos que marcaram o seu cotidiano escolar nas relações com os alunos, professores, gestão escolar e a prática na sala de aula. Nesse relato, tudo que disser será muito importante e terei muito interesse em ouvir’*. O segundo momento, é chamado de “estágio das investigações da narrativa, no qual são completados os fragmentos de narrativa que antes não haviam sido exaustivamente detalhados” (FLICK, 2004, p. 110), de tal modo, perguntas poderão ser feitas pelo pesquisador a respeito de trechos que não ficaram tão claros ou algum assunto abordado que não foi aprofundado pelo entrevistado que interessa responder a questão problema da pesquisa, portanto, uma nova narrativa inicia-se compondo a primeira. No terceiro e último estágio, chamado de “fase de equilíbrio” (FLICK, 2004, p. 110), perguntas explicativas são realizadas, do tipo “Como” e ao final do tipo “Porque” (FLICK, 2004, p. 110), nesse estágio o entrevistado passa a ser um teórico de si mesmo.

As narrativas obtidas para esse trabalho foram gravadas, transcritas e analisadas pelo método de análise de conteúdo. “A análise de conteúdo diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (GOMES, 1994, p. 74). Da mesma forma, “a análise narrativa pressupõe a exploração não só do que é dito, mas também de como é dito” (GALVÃO, 2005, p. 335). A análise de conteúdo permite ao

pesquisador delinear categorias que possibilitem a compreensão além das descrições nas entrevistas, permitindo-nos trilhar caminhos que nos levem às respostas das nossas perguntas. Portanto, encontramos nas entrevistas narrativas, uma forma de conhecer com detalhes a real história dos acontecimentos que marcaram as trajetórias de quatro mulheres na profissão docente.

O Lugar de onde falam as professoras e suas narrativas

O lugar de onde falam essas professoras leva-nos ao município de Três Marias, localizado a Noroeste de Minas Gerais, banhado pelo Rio São Francisco, com aproximadamente 30.000 habitantes. A cidade respira Guimarães Rosa, em festas e em contação de histórias expressadas por adultos e crianças. É a Terra de Manuelzão, personagem ilustríssimo do escritor. Pensar em Guimarães Rosa, no contexto deste trabalho, nos faz pensar em histórias de vida, experiências vividas, linguagens, culturas e identidades. É nesse contexto que Guimarães Rosa passou pelo distrito de Andrequicé (Três Marias), numa travessia pelo sertão mineiro. A história de Guimarães Rosa com Andrequicé começa pelos percursos feitos pelas veredas de Três Marias, onde conviveu com vaqueiros e ali fez anotações sobre lugares e pessoas. Os momentos vividos nesse caminho trouxeram grandes experiências da realidade local e permitiu ao escritor criar obras literárias, como o *Grande Sertão: Veredas*. Ele aprendeu o linguajar daqueles com quem conviveu e a cultura do lugar, e, por meio dessa linguagem e dessas histórias reais, nasceram outras histórias, marcadas em seus livros que mostram a importância da realidade vivida e contada na construção de identidades culturais.

O marco do presente trabalho está no tempo, no espaço, na memória, no conhecimento de si, desse professor que se constitui como sujeito histórico, onde suas experiências não são formadas da noite para o dia, mas por meio do seu próprio processo histórico vivido. É nesse sentido que esse trabalho se apoia em fontes orais, com a intenção de apresentar como se tornaram professoras, como se constituíram como educadoras no cotidiano escolar, os desafios enfrentados na vida e no contexto da escola, as conquistas, suas lutas no processo de escolarização e de formação de si e dos outros, de suas práticas de ensinar e a perspectiva do futuro sobre a educação. Tivemos como intuito também, por meio de suas vozes, deixar suas narrativas como contribuição para pesquisas que estudam formação de professores e do uso de

metodologia com fontes orais, especificamente, entrevistas narrativas. Os critérios utilizados para escolha daqueles que seriam colaboradores (as) na investigação foram: encontrar quatro professores (as) que estivessem dispostos (as) a narrar suas histórias; que lecionaram em contextos escolares diferentes e que o percurso escolar pudesse contemplar todos os níveis de ensino da Educação Básica. Portanto, selecionamos ⁴quatro professoras, três do ensino fundamental anos iniciais de contextos educacionais distintos; e uma professora do ensino fundamental anos finais e ensino médio. Ildi, 75 anos de idade e já aposentada; Paty, 49 anos de idade e 31 anos de profissão docente; Bia, 46 anos de idade e 26 anos de atuação na educação; e Jack, 37 anos de idade e 13 anos de docência.

A história de cada uma possui algumas peculiaridades. Ildi, a mais velha, nasceu e viveu integralmente no meio rural e ali lecionou por toda a sua trajetória docente em classes multisseriadas, da primeira à quarta série, no ensino público. Paty e Bia nasceram no meio rural e iniciaram a sua escolarização no mesmo lugar onde nasceram, continuaram os estudos na cidade e retornaram para onde viveram como professoras no início de carreira em classes multisseriadas, a maior parte da carreira dessas duas docentes foi construída na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, porém, hoje Paty está como professora eventual e Bia atuando na Biblioteca de uma escola pública municipal. Bia diversificou ainda mais a sua atuação docente, em diversas áreas, além das modalidades mencionadas, lecionou na Educação de Jovens e Adultos, foi professora eventual nos anos finais e hoje desenvolve projetos de contação de histórias nas escolas da cidade. Já a professora Jack, além da escola pública estadual atua em uma escola privada, no ensino fundamental anos finais e ensino médio nas disciplinas de Geografia e História.

As trajetórias de escolarização demonstram as marcas das lutas e dificuldades enfrentadas, em todas as fases da vida. De tal modo, as professoras Paty e Bia, trazem lembranças da fase inicial de suas vidas na escola.

Para começar, eu morava na zona rural, eu nasci, no meio rural, e estudei lá até a terceira série, na época falava 3ª série, e hoje, no caso é o quarto ano. Eu Bom, em 1977, com 7 anos iniciei meus estudos próximo a minha casa, na zona rural, e não havia escolas na minha região, eu estudava na casa de professoras. Aprendi a lê muito cedo, eu lembro que em um mês praticamente de escola, eu já estava lendo, a minha primeira

⁴ A fim de manter a ética na pesquisa, a identidade das professoras foi preservada, os nomes mencionados são meramente fictícios.

professora era muito boa, eu gostava muito dela, era prima do meu pai. A segunda professora que tive era outra prima dele, também muito boa. Quando fui para quarta série tive que ir estudar na cidade, pois onde eu morava, os estudos iam somente até a terceira série. Então foram muitas dificuldades. Aos 17 anos terminei o ensino médio, e voltei para casa (meio rural) para ajudar minha mãe (PATY).

Comecei naquela época com sete anos, era quando iniciava o pré-escolar. Não é como hoje. Naquela época quando a gente ia pra escola, agente já sabia as letras do alfabeto, porque a mãe da gente ensinava em casa, e os irmãos mais velhos que já estavam estudando também ensinava a gente em casa, então a gente já ia pra escola sabendo as letrinhas, né, até, começando já a alfabetização. [...] uma curiosidade... na terceira série, eu repeti, eu nunca, tomei bomba na minha vida, nunca repeti de ano, nunca fui reprovada, mas tive que repetir mais uma 3ª série, porque eu acompanhava a minha irmã mais nova para ir pra escola, então eu tinha que fazer companhia pra minha irmã Juliana, porque eram 2,5 km a pé, então, eu tinha que ir com ela. Porque quando terminávamos a 3ª série íamos para a cidade continuar os estudos, como a minha irmã era pequena e não podia ir sozinha, eu repetir o ano, mesmo passando de ano. A minha mãe pediu a professora pra eu ser reprovada [...]. (BIA).

Jack, também relata dificuldades nos caminhos da educação básica, porém diferentemente de Bia e Paty, as dificuldades eram em outro contexto histórico e explica que a falta de apoio da família foi um dos fatores que desencadeou algumas rupturas.

Eu lembro que eu comecei atrasada na escola, porque eu morava com meu pai, morava na roça, então minha mãe quando ela me buscou, quando ganhou a causa na justiça, ela me trouxe pra morar já em Corinto, eu lembro que eu entrei na escola, e tinha muita dificuldade, eu não tinha nem noção de muita coisa [...], a questão familiar também acho que influenciou muito, como eu morava fora de casa, morava com uma outra família, na verdade eu trabalhava, com eles né (JACK).

As histórias relatadas são marcadas de sonhos, projetos, dificuldades e perspectivas de um futuro melhor para a educação. O município de Três Marias ainda não existia na década de 1960, as terras onde Ildi nasceu eram ligadas ao município de Felixlândia. A trajetória docente de Ildi se constituiu no espaço rural, e ela relatou como se tornou professora, apontando que as dificuldades enfrentadas não foram obstáculos para realizar seu sonho.

Assim, eu nasci na zona rural, hoje pertencente ao município de três Marias. Nasci em 1943, onde vivi com os meus pais e meus sete irmãos até os 19 anos onde me casei. Desde criança tinha um sonho, ser professora. Aos 10 anos de idade brincava de escolinha ensinando os meus irmãos e os meus primos. Em 1960 até 1962, dei aula particular nas casas de família, nas fazendas, porque não tinha escola pública nessa época [...] Primeiro eu comecei com 16, 17, até 18 anos, aí com 19 anos

fiquei noiva e me casei. Depois, abriu o grupo (escola) foi mais fácil né, mas dei aula na minha casa, como escola pública mesmo, porque o grupo ainda não tinha terminado, aí que foi fazer a escolinha lá (grupo escolar), dei aula em casa uns dois anos, dei aula em casa, na sala, improvisava uns banco, uma mesa, aí tinha uma casinha do lado de fora, e nós limpamos lá e passamos as aulas pra lá. Em 1965 foi inaugurada a escola (grupo escolar), mas fui dá aula lá na escola em 1970, e nesses cinco anos passou várias professoras, nesse tempo o salário atrasava, elas não ficava, e nenhuma era formada, inclusive eu. [...] então eu fui na prefeitura e eles me colocaram na escola (grupo escolar) e lá fiquei até aposentar (ILDI).

Já Bia relatou que ser professora não era o objetivo de vida, mas diante da dificuldade de fazer faculdade e a falta de trabalho viu na docência a oportunidade de emprego.

[...] e aí, quando me formei no ensino médio, na época falava científico, era um ensino médio comum, eu optei por ele, pra depois fazer uma faculdade, e tal, então, eu sonhava em fazer uma faculdade, era mais difícil faculdade na época, era muito mais difícil. [...] voltei pra casa dos meus pais, [...] porque alguém comentou comigo, que tinha uma escola lá perto da minha casa, que estava precisando de professora, eu não tinha formação pra ser professora, eu fiz científico, mas naquela época, quando uma professora trabalhava sem formação, chamava de ‘regente escolar’, agente estava na regência, porem não tinha o magistério (BIA).

Jack também descreve que ser professora não era um sonho, tinha outros objetivos, mas por falta de recursos financeiros, não teve opção a não ser fazer uma licenciatura, mas ressalta que teve um grande incentivador na escolha por História.

Eu me interessei pela docência, devido a falta de condições de fazer uma outra coisa, de ter uma outra formação e desde criança eu gostei muito de história, eu tive um professor que me incentivou muito, era um professor de história excelente que eu tive durante toda a educação básica (JACK).

Paty escolheu a profissão, por meio do ensino médio profissionalizante, o Magistério, e destacou que ao finalizar a Educação Básica, não conseguiu fazer faculdade, pois os pais não tinham recursos financeiros.

Aos 17 anos terminei o ensino médio, e voltei para casa (região rural) para ajudar minha mãe. Eu havia feito o magistério, e então com 19 anos, consegui uma vaga para trabalhar na pré-escola em Três Marias. Em 1992, participei de um concurso público na cidade, e fui muito bem colocada, então pude escolher onde trabalhar. [...] Não fiz faculdade na época, porque não tive oportunidade, meu pai não tinha recursos financeiros para que eu pudesse continuar os estudos, depois que terminei o ensino médio, pois tinha que mudar para outra cidade (PATY).

Ildi, por sua vez, já não possuía uma formação do magistério para docência, mas naquela época, o nível de formação exigido para atuação docente não era como hoje.

[...] eu tinha a terceira série, eu tinha estudado lá no Brejo (Região onde morava), quando eu tinha 7 e 8 anos de idade, [...] aí fui para Curvelo (cidade), fiquei uns tempos em Curvelo, fiz a quarta série. Tinha uma tal de admissão, que agente fazia, estudava, nem cheguei a estudar tudo não, porque eu dei de vir embora, era pra passar para quinta série, porque a quinta série de primeiro era a primeira série do segundo grau, depois que mudou, primeiro grau era até a quarta. Aí, eu fiz supletivo, do ensino fundamental [...] fiz por correspondência, vinha o pacote de livros, aí eu estudava, estudava e estudava e fazia as provas, e eu mandava pelo correio e eles corrigiam. Mais eu gostava demais! Era uns livro bom!

Essas professoras trazem em suas narrativas as dificuldades enfrentadas nos percursos de formação. Das quatro professoras entrevistadas, apenas uma iniciou a docência já na faculdade. Bia e Paty iniciaram o estudo em Pedagogia somente em 2007, quando a primeira faculdade de educação a distância foi instalada na cidade, já com mais de quinze anos de docência. Os motivos foram muitos, mas especialmente o fato da cidade não possuir faculdade, e ainda hoje não há uma faculdade presencial em Três Marias. As pessoas que fazem cursos superiores, quando não vão embora da cidade, viajam de ônibus todos os dias para cidades vizinhas, e a mais próxima fica a 120 km de distância. No contexto dessas professoras, casadas, com filhos e trabalhando durante o dia, não tinham tantas oportunidades de qualificação. Para Jack, persistem as dificuldades de ter uma formação continuada considerando um grande desafio em cidades pequenas, localizadas no interior do Estado, e explica no relato abaixo que,

[...] nós que estamos aqui, que trabalhamos em escolas de interior, a gente não tem oportunidade de crescer, não tem oportunidade de se qualificar, é tudo muito longe, as oportunidades elas acontecem muito longe da nossa comunidade, da nossa cidade, além de ser caro, você fazer hoje uma qualificação fica caro, você se deslocar, então eu vejo que é um outro desafio, o professor ele tem que se qualificar, ele não pode ficar parado no tempo, ele tem que ler, ele tem que se informar, ele tem que fazer um curso, e a gente não tem essa condição né, infelizmente o próprio sistema não nos oferece essa oportunidade de qualificação e isso acaba, é repercutindo no resultado, na qualidade da educação.

Mas, essas professoras relatam que a falta de formação ou de uma formação continuada influenciou na qualidade do trabalho docente. Ildi relembra sua formação e aponta como foi

difícil seu percurso,

[...] eu ia fazer curso na cidade, ia a pé ou de a cavalo pro tico o tico, pegava ônibus, ficava no curso, quando terminava, voltava, descia lá no tico o tico e ia de a pé, outra hora tinha cavalo e ia, não tinha um carro da prefeitura que pudesse levar agente, ao menos uma vez no mês pra fazer um curso, agora depois teve aquela facilidade tudo mastigadinho, e ainda reclamava que era difícil ficar na roça. Você vê tanto que as pessoas reclamam, eu chegava lá em casa, tinha que enfrentar casa bagunçada, cara ruim do marido, porque ficava com raiva que eu ficava fora. Mas é assim mesmo.

Ildi relata que aprendeu muito quando as secretárias de educação quando proporcionavam cursos, porém, as aplicações técnicas que eram ensinadas não eram utilizadas por falta de materiais, ou exigiam recursos que não eram fornecidos pela prefeitura, e esclarece que o professor aprende mais com a experiência que adquire no trabalho docente: “a gente aprende é no trabalhar”. Paty ilustra que fazer o curso de Pedagogia trouxe mais conhecimento à sua profissão e ressalta que a prática e a experiência escolar são importantes no processo de profissionalização docente,

[...] as coisas que aprendi na faculdade eram coisas do cotidiano que eu já sabia, a gente tá sempre aprendendo, foi válido sim, se tivesse feito antes, teria mais facilidade para trabalhar, principalmente no começo da profissão. A cada ano que trabalhamos sempre aprendemos algo novo, e a faculdade veio pra melhorar ainda mais, especialmente pelo curso, que estava de acordo com o meu trabalho.

Sobre a sala de aula e o cotidiano escolar, as professoras relataram muitos obstáculos no decorrer de suas histórias, muitos sacrifícios ao longo do percurso de suas experiências, como falta de apoio da escola, do sistema educacional, das famílias. Jack adverte que os desafios da escola são muitos, e um dos maiores vividos nos últimos anos é a inserção dos alunos com deficiência nas salas de aula. Jack relata, que o trabalho com os deficientes tem desgastado o trabalho do professor, pois de acordo com a professora, o sistema educacional não qualifica os professores, e muitas vezes não tem um professor de apoio para um atendimento mais especializado. De tal modo, Jack considera “que infelizmente, o sistema educacional não nos dá condição de trabalhar com esse aluno especial”, e ainda descreve um cotidiano com desafios:

Eu trabalho na rede pública, o estado, em uma escola de periferia, eh; uma escola que nós temos uma realidade bem difícil, alunos muito pobres, muito envolvidos com a criminalidade, com as drogas; e trabalho em outra escola, meio rural (Distrito de Andrequicé) eh; escola onde os

alunos são muito carentes, em todos os sentidos, tanto social, quanto no sentido também, econômico, e muitos deles não veem a educação como algo bom, eles estão na escola por estar, a maioria deles não tem incentivo dos pais, como os pais não tiveram oportunidade de estudar, então, eles não preocupam, eles estão na escola por estar, são poucos que a gente vê que realmente veem a educação como uma prioridade ali, mas são muito dóceis, são muito carentes de afeto sabe? E, é, um lugar muito caloroso, muito gostoso de estar. Eu trabalho também em uma escola privada, particular, de uma rede grande, e são alunos mais elitizados, são alunos que tem uma condição econômica muito melhor, que os pais cobram que eles deem resultado, eles cobram da gente também na sala de aula, então eles exigem muito de nós, então, é uma realidade totalmente diferente (JACK).

Nos tempos de docência de Ildi, Bia e Paty, nas escolas rurais, existiam também muitos obstáculos e desafios. O relato de Ildi nos mostra a sua realidade com algumas barreiras e que poderiam comprometer a garantia de uma melhor qualidade de ensino.

[...] mas eu deixava a sala de aula e corria na cantina, pegava algumas lenhas, acendia o fogo e pegava qualquer coisa para fazer merenda. A água levava de longe, de casa, nas costas, na cabeça, era tudo com muito sacrifício, mas fiz tudo com muito amor. [...] Levava água de casa, não tinha cantineira, agente tinha que deixar um menino maiorzinho na sala de aula, olhando a sala de aula, dando alguma coisa para os meninos (atividades), dando uma ocupação, voltava, passava mais exercícios, e voltava e terminava a merenda. [...] Naquele tempo nem papel tinha, tinha um caderninho antigo com as folha amarelinha, não tinha caderno, escrevia era em papel de pão, naquele tempo embrulhava até carne moída, os meninos escrevia mais era naquilo, hoje em dia, agente vê aqueles caderno sobrando de um ano pra outro (ILDI).

Igualmente, Paty relata algumas dificuldades vividas na escola do meio rural.

[...] não tínhamos muita sorte com as cantineiras, porque sempre faltavam, os meninos não gostavam da merenda dela, não fazia direitinho, então, eu e a outra professora revezávamos para fazer a merenda, uma ficava com as turmas enquanto a outra ia lá e começava a preparar a merenda, depois a outra ia e dava uma olhadinha. Ficava pra lá e pra cá (PATY).

Já para Bia, as barreiras no espaço rural foram intensas, o que descreve com emoção.

[...] e assim lá, era um sufoco muito grande, eu dava aula para o pré-escolar, para primeira série, segunda, terceira, e quarta, e trabalhava com todos esses meninos em uma sala só, sem experiência, não tinha mimeógrafo, para rodar e fazer as folhas, os livros, eram livros velhos, que minha tia deixou lá, para eu trabalhar, e agente não tinha magistério,

e também não tinha ninguém instruindo agente, não tinha uma pedagoga da secretaria da educação que fosse lá, explicar pra gente, nada... a gente trabalhava, eu acho que agente trabalhava muito bem, porque hoje trabalha-se em uma turma só, tem todas as facilidades, recebe na mão as atividades, provas, tudo, e as vezes, agente não consegue ministrar um trabalho tão bom, quanto aquele trabalho naquela época (BIA).

Percebemos nessas narrativas as lutas no cotidiano escolar, mas há também motivações para continuarem a caminhada como educadoras. Embora as dificuldades enfrentadas, em nenhum momento elas questionaram a desvalorização docente ou fizeram qualquer referência a salários. Pelo contrário, demonstraram em seus relatos o que entendiam acerca do que é ser professor, pois, faziam do espaço escolar um lugar de oportunidades de aprendizagem, articulando projetos escolares com conteúdos, metodologias diferenciadas, com o intuito de deixar a escola mais atrativa para o aluno. É neste contexto que Jack descreve os projetos no seu cotidiano.

Eu tento muito assim, é me aproximar dos alunos, ter uma linguagem mais próxima, mais calorosa, tento trazer, ganhar a confiança deles e através de projetos que tragam um cunho social também, eu tento de alguma forma, né, ganhá-los assim, pra escola, tornar a escola mais atrativa. O ano passado, eu desenvolvi um projeto e foi muito bom, mas foi muito cansativo [...]. É um projeto que se chamava rádio escola, onde era um programa de rádio mesmo, só que acontecia ao vivo, então tinham vários quadros, tinham os oferecimentos musicais, que um oferecia para os coleguinhas, pra a amiguinha, pro crash, pessoa que... como é hoje... meio de adolescente, pra tornar mais atrativo, então eles ofereciam as músicas, tinham vários quadros, tinha um quadro de caçatentos, por exemplo, disputa de dança, conhecimentos gerais, e sempre com premiação, tinha... o que mais, tinha que fez muito sucesso...ah, é montar; agente levava aquele cubo mágico, tinham que montar, e quem montasse em menos tempo ganhava premiação (JACK).

Com propósito de querer melhorar a aprendizagem e tornar a escola um lugar onde os alunos sintam-se o desejo de estar, Bia demonstrou em seu relato a vontade de transformar a educação em algo prazeroso para os alunos.

Eles gostaram muito do meu trabalho na biblioteca, eu implantei um projeto, então todos os meninos passaram a ir à biblioteca, eu fiz uma planilha de horários, da pré-escola até o 5º ano. Então eu vi uma necessidade, porque eu gostava de contar histórias para os meninos, desde quando eu estava em sala de aula, então eu tive vontade de fazer um projeto pra mim, de contar histórias, um horário de contar histórias para os meninos, então eles não só teriam o projeto de leitura com os horários marcados de leitura na biblioteca, e depois de pegar os livros e levar para casa por uma semana, eu também implantei um projeto de

contação de histórias. Então nesse meio tempo, eu ensaiava com os meninos para fazer apresentação teatral, fazíamos eventos fora da escola, e continuei com a contação de histórias dentro da escola (BIA).

Uma prática de ensino diversificada nas classes multisseriadas foi destacada por Ildi e Bia.

[...] fazia tudo junto. Eu fazia era assim, punha eles para fazer muita leitura, eles faziam a leitura lá no livro, eu observava ali, ia na carteira, eu pedia eles para ler, eles copiavam, eu era boba demais, ficava passando tanto exercício no quadro, e o quadro não era de madeira era de pedra, era um quadro ruim demais, era verde. Depois apareceu o mimeógrafo, já tava entrando outras professoras, eu já tava aposentando, mas, tudo era passado no punho, as provas, tudo. Na quarta e terceira série tinha uns mais adiantado, era mais fácil, os outros eu tinha que ficar perto deles, difícil era isso. Depois que aposentei, eu dei aula ainda, a diretora (IID).

Tinha que fazer as provas na mão, passava as atividades no quadro, dividia o quadro, em varias partes, e fazia as atividades na mão, atividades de pré-escolar, imagina, na mão, fazia os desenhinhos, as provas que eu fazia a mão, eu pegava os livros velhos que tinha lá, e colocava algumas coisas daqueles livros, [...] Aí, eu lembro que eu gostava muito de levar os meninos pra debaixo da árvore, passava atividades pra uns, enquanto eu ia explicar matéria para outros, principalmente ciências, sobre as árvores, sobre as raízes, caule, essas coisas, eu levava os meninos, e isso era por mim mesma, ninguém me ensinou [...] nós tínhamos umas aulas bem ricas (BIA).

Bia foi à única professora entrevistada que lecionou para a Educação de Jovens e Adultos, e relatou que foi a melhor modalidade de ensino em que atuou.

Surgiu a oportunidade de trabalhar a noite na EJA. E lá tinha a EJA a noite. Surgiu essa turma da EJA, então eu demonstrei interesse, e pedi pra me colocar. Eu saí desse sofrimento de indisciplina; eu sofria muito, eu levava muito isso pra casa; aí, foi uma benção para mim... foi o céu, eu saí dessa turma muito difícil, e passei pra EJA, E na EJA, os alunos me abraçaram, os alunos me acolheram! Eram mais velhos; tinha aluno jovem, meninas jovens, e meninos jovens que estavam fora da faixa etária de estudos da escola normal, mas eram jovens ainda, eles me abraçaram até o último dia que eu trabalhei, fui muito feliz trabalhando com eles. Até hoje quando encontro alunos na rua, eles lembram de mim, conversam comigo, falam que foi a melhor época da vida deles, foi quando estudaram comigo, porque eu tratava eles muito bem, chegava época de festinha, dia do estudante, eu fazia festinha com eles como se fossem crianças mesmo, e aquela alegria toda, então pra mim foi muito gratificante, eu aprendi com eles, com a vivência deles, eu era muito jovem, então eu dava aula com vinte e poucos anos, e trabalhando com essa turma, então aprendi com eles, com as experiências deles. Só larguei a EJA, porque me casei, e fui morar em outro bairro que ficava muito longe da escola, aí, eu pedi para ir para outra escola (BIA).

No que se refere à organização da escola, gestão escolar e acompanhamento pedagógico, foi possível perceber o quanto o sistema educacional é pouco efetivo. Segundo Jack há muitos erros na educação, especialmente quanto à atuação docente na educação pública, e relata sua experiência para explicar alguns fatores.

[...] eu acho que é porque nós temos também profissionais que na escola pública são efetivos, então eles não têm uma preocupação maior de perder o emprego, de mostrar serviço, então muitas vezes eles se acomodam, então os resultados às vezes te mostram né, agente tem um sistema público, que infelizmente; eh; nós temos professores que são muito bons que são comprometidos, mas temos muita gente que não preocupa, que tá lá, o cargo é dele, a vaga é dele, então ele não tá preocupado em mostrar serviço, ninguém tá cobrando dele isso, a comunidade não preocupa, o aluno não entende, não valoriza, então de qualquer forma que acontecer tá bom, escola particular não, o aluno cobra do professor, o pai, ele cobra do professor, a escola cobra do professor, porque todo mundo quer resultados (JACK).

Para Bia, Paty e Ildi, em muitos momentos, a gestão escolar não proporcionou o apoio adequado, apontando falhas no sistema escolar. Bia relatou que ao lecionar nos espaços rurais, não havia acompanhamento pedagógico. “[...] também não tinha ninguém instruindo a gente, não tinha uma pedagoga da secretaria da educação que fosse lá, explicar pra gente, nada!”. A falta de interesse da gestão pela escola, também foi apontada por Bia nas classes multisseriadas.

Eu lembro que a primeira vez, eu preparei os meninos muito bem pra receber a secretária de educação, era ela, na época que visitava as escolas, não tinha uma pedagoga, era ela que visitava; então eu lembro como se fosse hoje; eu relato isso, porque eu acho isso muito importante, eu sempre ensinei os meninos a cumprimentar bem as pessoas, então eu lembro que a primeira vez que a secretária foi visitar, eu preparei tão bem os meninos, tão bem, pra recebê-la, e tinha mudado de diretora, na época, a secretária de educação, e aí quando ela chegou lá, ela nem cumprimentou, ela foi chegando, entrando, e “tudo bem”? Sei o que, e tal, e não cumprimentou a gente, foi embora, na hora de embora deu um tchauzinho lá de fora, sabe? Ela tratou os meninos com muita frieza (BIA).

As professoras demonstraram preocupação quanto ao futuro da educação, e ressaltaram em muitas falas, que a educação precisa ser transformada, e que hoje é bem diferente de alguns anos atrás. Segundo Paty,

com relação aos valores, o respeito ao próximo, entre pais e filhos, isso mudou muito. Naquela época a gente não tinha tanta sabedoria como as crianças de hoje têm a possibilidade de aprender muito mais, mas acabam aprendendo coisas erradas também, infelizmente, tem o lado positivo da tecnologia, mas é preciso

saber usar, aproveitar o que realmente é importante. Do começo do meu trabalho até hoje, muitas coisas acabam que estão piorando, apesar da tecnologia ter melhorado a nossa vida, com relação à aprendizagem, o interesse dos alunos diminuiu, a escola não está tão atrativa para eles, a escola não evoluiu junto com essa tecnologia, ainda está um pouco arcaica, esse é um ponto negativo. Também tem a questão do respeito, no início, os alunos tinham muito respeito pelo professor, no geral, pela pessoa mais velha, pela família, pelos pais, e hoje a educação de dentro de casa está deixando a desejar, transferindo as responsabilidades para a escola.

Jack também deixou em seu relato marcas de indignação em relação ao sistema educacional, ela assim advertiu “enquanto a gente não vê a escola como um instrumento de mudança, de valorização, de oportunidade, enquanto o aluno não enxergar, e o pai não enxergar, que aqui é um lugar de oportunidades, nada será valorizado.” Já para Bia, “a escola está falida”, e descreve com indignação em seu relato essa condição.

A escola não está sendo atrativa, a escola tem 4 paredes, mesas e cadeiras, um quadro de giz, pois, a maioria das escolas brasileiras tem um quadro de giz, e um livro na mão do professor. Que aluno com essa tecnologia toda vai se interessar por isso? E Se colocar esses recursos na escola, à escola também precisa saber utilizar. E a escola integral? Eles estão jogando a escola integral em lugares sem estruturas, então o menino fica o dia inteiro na escola, morrendo de cansado, porque não tem um lugar confortável, então os alunos ficam indisciplinados, porque não tem o que ele precisa. (...) o Brasil hoje está trabalhando em cima de dados, e a educação ela não pode ser trabalhada em cima de dados, a educação tem que ser trabalhada é com o coração, com a alma [...] (BIA).

Para concluir

Trabalhar com as entrevistas narrativas foi enriquecedor e fonte de aprendizado. As histórias narradas nos levaram para momentos históricos dos acontecimentos, revelando às narradoras novas memórias do seu contexto, memórias guardadas e que ao lembrar e refletir sobre a sua vivência, novas experiências surgiram.

Havia alegria e orgulho em suas falas, de contar sobre si mesmas e suas vidas. Essas professoras queriam ser ouvidas, conforme agradeceu Bia, “Obrigada, por ter lembrado da gente”. Os professores querem e precisam ser ouvidos.

Todas as narrativas apresentaram as histórias em um contexto marcado por dificuldades. Mas, percebemos que as barreiras não foram empecilhos para desistirem da escola. Entendemos que há preocupações com o futuro das crianças e dos jovens de hoje, pois segundo as professoras, a escola pública não oferece um ensino de qualidade e uma estrutura física adequada. Falta, ainda,

o apoio da família e uma maior presença e engajamento do sistema educacional brasileiro para tornar a educação um lugar de aprendizagem efetiva e agradável para o aluno. As narrativas trouxeram uma riqueza de detalhes acerca do cotidiano escolar, da formação dos professores e evidenciaram falhas nas políticas públicas educacionais. Assim, consideramos que as experiências dos professores nos espaços escolares e as suas trajetórias de escolarização e profissionalização docente constituem um instrumento poderoso para pensar novas políticas de formação docente.

Referências

CUNHA, Maria Isabel. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v.23, n.1/2, p.185-195, jan/dez., 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010 > Acesso em 19 de janeiro de 2019.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2ª ed. Porto Alegre, Bookman, 2004.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. *Ciência & Educação*, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/12.pdf> > Acesso em 23 de janeiro de 2019.

GOMES, Romeu. Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: *Pesquisa Social: Teoria, Método e criatividade* (org). Maria Cecília de Souza Minayo. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994. P. 67-80.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Maria Cláudia e Santos Lopes de. Narrativas e desenvolvimento das identidades de professores. *Cad. CEDES*, Campinas, v. 32, n. 88, p. 369-378, dez. 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622012000300008&lng=en&nrm=iso > Acesso em 23 de janeiro de 2019.

MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994. 269 p.

NÓVOA, Antônio Sampaio da (Org.). *O regresso dos professores*. Pinhais: Melo. 2011. P. 83.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Nova Aguilar, 1994.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores*. 2004, 344 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | II Simpósio Educação, Formação e Trabalho

graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro e PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa. In: *Congresso internacional sobre pesquisa (auto) biográfica, II*, 2006, Salvador: UNEB, 2006. 1 CD-ROM.